

## A semiótica do humor no desenho animado

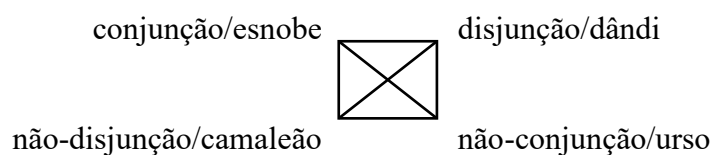
*Seraphim Pietroforte*

### os regimes de interação

Em todo discurso, os sujeitos narrativos assumem papéis investidos de conotações sociais, que, certamente, interferem nos contratos firmados entre eles. Em termos semióticos, as conotações sociais se determinam por meio das relações entre sujeitos narrativos e objetos de valor, com as quais tais sujeitos ganham existência semiótica; as tribos sociais, por exemplo, demarcam-se dessa maneira. Assim, se, no nível do discurso, há papéis sociais de acadêmicos, boêmios, conservadores, iconoclastas etc., é porque, em nível narrativo, essas pessoas, enquanto sujeitos narrativos, encontram-se em conjunção ou disjunção com valores específicos, característicos daqueles papéis. Desse ponto de vista, tais papéis interferem nas relações entre as pessoas do discurso, estabelecendo-se regimes de interação, em nível discursivo, capazes de orientar a narrativa.

Verifica-se, ainda, que não basta uma teoria dos contratos entre sujeitos narrativos para descrever as relações entre as pessoas do discursivos; há de se considerar, ademais, regimes de interação, sociossemioticamente determinados. Em função disso, entre tantos casos: (1) conservadores não estabelecem os mesmos contratos fiduciários entre os pares e os iconoclastas; (2) dificilmente, fascistas se entendem com comunistas; (3) somente ecléticos conciliam escutar rock progressivo e música punk etc.

Em vista disso, na obra *Presenças do outro*, Eric Landowsky encaminha um modelo para explicar regimes de interação (Landowsky, 2002: 31-66). Em linhas gerais, o autor deduz quatro modos de junções em relação a um sistema de valores definido sociossemioticamente; na proposta, cada regime se nomeia desta maneira: (1) o sujeito *esnobe* afirma a conjunção; (2) o *urso* nega a conjunção; (3) o *dândi* afirma a disjunção; (4) o *camaleão* nega a disjunção (Landowsky, 2002: 38-39). Articulados no quadrado semiótico, a representação configura-se assim:



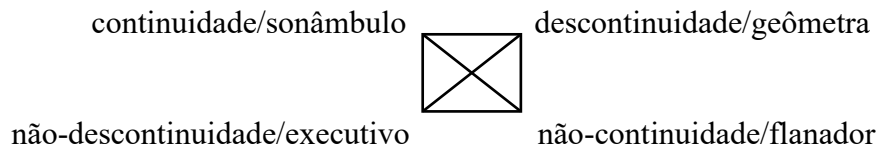
Na proposta, por sua vocação geral e abstrata, o sistema de valores almejado pelo sujeito se especifica a partir das posições dos coenunciadores do discurso, formando-se, conseqüentemente, por quaisquer valores; além disso, há relatividade em relação às junções, porquanto, se alguns sujeitos se revelam esnobes com seus respectivos valores, de ângulos contrários, ele se torna dândi, repetindo-se o mesmo nos demais regimes de interação. Dessa maneira, em quatro percursos, com diferentes orientações valorativas, define-se, na semiótica, um espaço teórico para o estudo das relações intersubjetivas e, especificamente, para a análise dos contratos narrativos e dos regimes de interação sociossemióticos.

### **o estatuto semiótico dos regimes de interação**

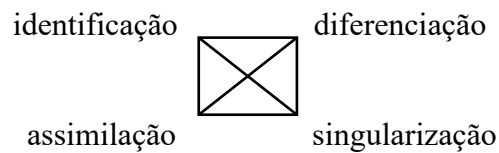
O humor, enquanto resultado daquilo tomado por engraçado, antes de se definir em relação a fatos, considera-se como produto de regimes de interação, fazendo com que a graça ocorra, justamente, na pertinência a esse regime. Entretanto, para prosseguir na sistematização dos regimes de humor, convém retomar as observações de Jean-Marie Floch a respeito das ideias de Landowsky presentes no texto *Diário de um bebedor de cerveja* (Landowsky e Fiorin, 1997: 203-218), da autoria de Floch.

Ao estudar os percursos dos passageiros do metrô de Paris, Floch verifica que eles se sistematizam mediante estilos de percorrer trajetórias (Floch, 1995: 19-47). Em função disso, um passageiro afirma a *continuidade* ou a *descontinuidade* do percurso: (1) quem lê, tricota, escuta música no celular etc. afirma a *continuidade*, passando indiscriminadamente pelas estações; (2) contrariamente, quem discrimina cada uma delas e conhece suas peculiaridades afirma a *descontinuidade*. Segundo Floch, trata-se dos percursos, respectivamente, do *sonâmbulo* e do *geômetra*.

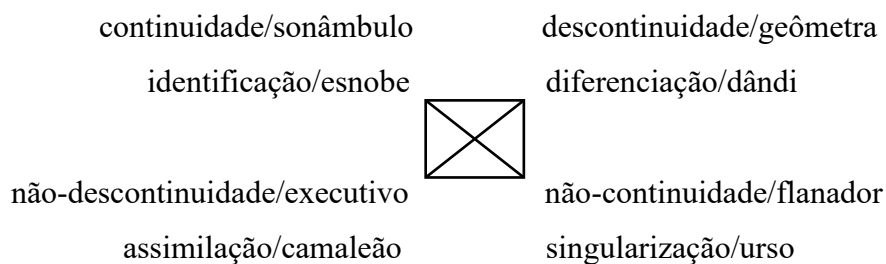
Uma vez articulada no quadrado semiótico, semelhantemente às junções do modelo de Landowsky, a categoria formal *continuidade vs. descontinuidade* permite estabelecer outras duas possibilidades: a negação da *continuidade* e a negação da *descontinuidade*. Desse modo: (3) quem antecipa as paradas nega a *descontinuidade*, sempre com bilhete na mão antes de chegar na roleta e levantando-se antes das estações; e (4) quem, disposto a se distrair com as surpresas do caminho, nega a *continuidade*. Àquele, Floch chama *executivo*, e, a este, *flanador*; a sistematização, portanto, configura-se assim:



Tal formalização, por sua vez, aproxima-se da articulação dos termos *identificação vs. diferenciação*, em que a negação da identificação resulta na *singularização* e a negação da diferenciação, na *assimilação*.

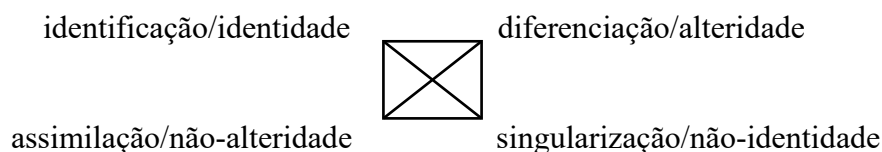


Para verificar isso, observa-se que a articulação *identificação vs. diferenciação*, de ordem genérica e abstrata, projeta-se sobre os estilos de percorrer o metrô, mas, ainda, sobre os percursos da proposta de Landowsky. Por conseguinte, o passageiro, ao afirmar a *continuidade*, afirma a *identificação* da trajetória em todo percurso; semelhantemente, afirmando-se a *conjunção* com determinado modelo social, ratifica-se a *identificação* com ele. Dessa maneira: (1) por meio da *identificação*, aproximam-se *sonâmbulos* e *esnobs*; (2) com a *diferenciação*, acercam-se *geômetras* e *dândis*; (3) mediante a *singularização*, convergem *flanadores* e *ursos*; (4) com a *assimilação*, afluem *executivos* e *camaleões*. No quadrado semiótico, as correlações são estas:



Uma vez traçadas as articulações termo a termo, tanto nas propostas de Floch quanto nas de Landowsky, estabelece-se, para elas, um denominador semântico comum baseado na categoria formal *identidade vs. alteridade*, fundamentando-se, dessa forma, os regimes de interação: (1) a *identificação* coincide com a afirmação da *identidade*; (2)

a *diferenciação*, com a afirmação da alteridade; (3) a *singularização* equivale à negação da *identidade*; e a (4) assimilação, à negação da *alteridade*.



Por fim, determinada a categoria formal dos regimes de interação, encaminham-se, a seguir, os regimes de realização do humor.

### humor e regime de interação

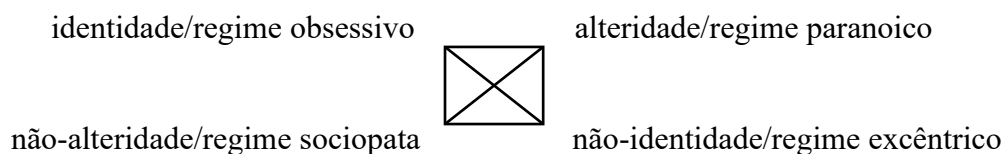
Conceber o humor enquanto regime de interação não se limita a apontar o que parece ou não engraçado; cabe estabelecer, em cada regime, como a graça se realiza. Dessa maneira, fixando o *corpus* com desenhos animados, deduzem-se quatro regimes, de acordo com a categoria formal *identidade vs. alteridade*.

Isso posto, quando as personagens do *corpus* interagem mediante a afirmação de comportamentos *idênticos*, sem mudar em quaisquer situações, ocorre o *regime obsessivo*, próprio de desenhos animados em que a personagem principal se revela ingênua, quase tola, e quem sempre se repete; esse é o caso de *Bob Esponja Calça Quadrada* e dos clássicos *Zé Colmeia* e *Dom Pixote*. Contrariamente, afirmando a *alteridade*, surgem conflitos entre, pelo menos, duas personagens, manifestando-se o *regime paranóico* quando o comportamento das personagens se baseia em polêmicas; isso ocorre em *Invasor Zin*, com os conflitos entre o alienígena Zin e o terráqueo Dib, e dos clássicos *Tom e Jerry* ou *Plic, Ploc e Chuvisco*.

Prosseguindo na dedução do modelo, na negação da *identidade*, as personagens se singularizam, negando comportamentos semelhantes; nesse regime, os enredos se baseiam na especificação de comportamentos distintos, com foco no conjunto das personagens e não em apenas uma delas. Esse é o regime d'*Os Simpsons*, com toda Springfield participando das tramas; entre os clássicos, há *Os Flintstones* e, entre os modernos, *Ei Arnold!*, *Os Anjinhos* e *Ginger*, configurando o *regime excêntrico* quando cada personagem se destaca por peculiaridades.

Na negação da *alteridade*, por fim, apesar das diferenças entre as personagens, há algo para as uniformizar, recusando a alteridade de cada ator do discurso. Dentre as ocorrências verificadas, esse regime aparece em *South Park* e em *Uma família da pesada*, nos quais, apesar das diferenças entre os habitantes das respectivas cidades, todos se aviltam por falhas de caráter; porque todos se revelam torpes, esse é o *regime sociopata*.

Articulada no quadrado semiótico, obtém-se a seguinte rede de relações:



### os dispositivos retóricos e a graça em cada regime

No modelo proposto, a graça, isto é, o que provoca o riso, resulta das propriedades semióticas de cada regime, precisamente, na rede de relações em que eles se definem; forma-se em cada um deles, por consequência, modos de coesão específicos. Em outras palavras, em cada regime se utilizam dispositivos retóricos próprios, conforme e ajustados às respectivas semióticas.

Dessa forma, no *regime obsessivo*, há personagens principais que, sozinhos – Dom Pixote, Leão da Montanha – ou com os fiéis companheiros – Pepe Legal e Babalu, Zé Colmeia e Catatau, Bob Esponja e Patrick – repetem comportamentos, no mínimo, ingênuos, insistindo em questões, em regra, pueris. Em uma de suas aventuras, Bob Esponja, à procura do crachá perdido, reitera as atividades do dia para lembrar de quando se deu o suposto desastre; Bob refaz, pelo menos, cinco vezes o mesmo percurso, pois o amigo Patrick, envolvido na representação dos fatos, nunca acerta sua parte nas encenações. Assim, baseado na repetição, o dispositivo retórico recorrente no *regime obsessivo* é a *anáfora*.

No *regime paranóico*, por sua vez, por se basear em conflitos eternos, há, pelo menos, duas personagens inimigas – Tom e Jerry, Piu-Piu e Frajola, Invasor Zin e Dib –, ou mais – *Corrida Maluca* –, com o humor surgindo nas inúmeras batalhas dessas guerras; nessas contendidas, enquanto inimigos, um espera pelo pior do outro, por isso a paranoia. Dessarte, nos desenhos animados nesse regime, há, pelo menos, dois percursos

narrativos contrários; em *Invasor Zin*, por exemplo, o alienígena Zin, com missão de conquistar e destruir a Terra, expressa valores de morte, enquanto o terráqueo Dib, buscando salvar o planeta, realiza valores de vida. O dispositivo retórico do *regime paranoico*, portanto, é a *antítese*.

No *regime excêntrico*, em função da rede de relações do modelo, negam-se os comportamentos repetitivos do *regime obsessivo*. Desse modo, as personagens, em geral famílias – *Os Flintstones*, *Os Simpsons* – ou grupos de amigos – *Ei Arnold!*, *Ginger, Futurama* –, ou ambos – *Os Anjinhos*, *O Rei do Pedaço* –, envolvem-se em situações cômicas geradas nos conflitos entre as visões de mundo de cada indivíduo do grupo; conseqüentemente, nega-se, na excentricidade, a identidade. O dispositivo retórico, portanto, decorre da negação da *anáfora* mediante a *diáfora*.

Na *diáfora*, nega-se a *anáfora* quando, em polêmicas, utilizam-se palavras com significados distintos entre os debatedores. À vista disso, em um dos episódios d’*Os Simpsons*, Bart mata, sob a influência de Nelson, um passarinho e, sentindo-se culpado, passa a cuidar dos ovos descobertos no ninho; entretanto, não são ovos de pássaros, mas de lagartos, que, uma vez chocados, geram desequilíbrio ecológico na cidade. A figura do discurso mostra-se a mesma, ou seja, os ovos, assumindo, ao longo da trama, sentidos contrários, com remissão ora aos valores de vida ora aos de morte.

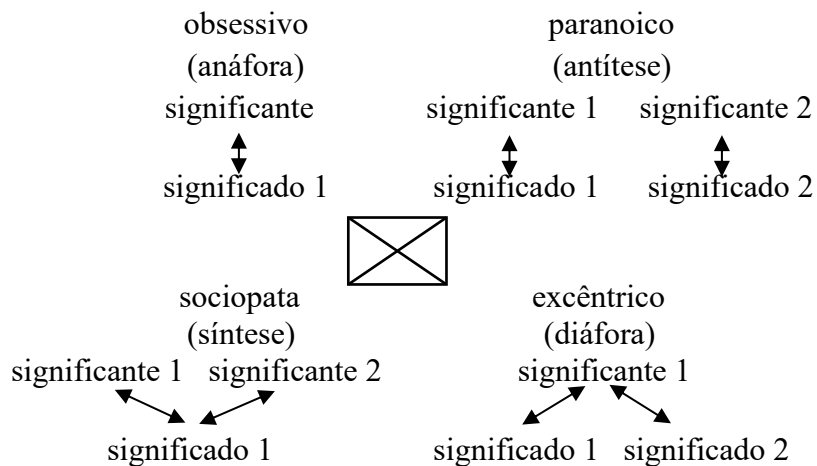
No *regime sociopata*, por fim, negam-se as diferenças afirmadas no *regime paranoico*. Nas histórias, as personagens também são famílias – *Uma Família da Pesada* – ou grupos de amigos – *South Park* –, todavia, apesar dos temperamentos diferentes de cada membro do grupo, todos se nivelam, recapitulando, mediante falhas de caráter comuns, abrigo-os à convivência, mesmo penosa; assim, porque as situações igualam os seres humanos atendendo a comportamentos antissociais, surge, embora ironicamente, o humor.

Por decorrência, novamente em função da lógica do modelo proposto, o dispositivo retórico adequado a tal regime nega a alteridade afirmada no *regime paranoico*. Vale lembrar que, na *diáfora*, isto é, na negação da *anáfora*, o mesmo significante assume, pelo menos, dois significados distintos, conforme o caso dos ovos no episódio d’*Os Simpsons*, quando significam, dependendo do ponto de vista, vida ou morte. Dessa forma, se no *regime paranoico* ocorre um significante para cada significado – feito, em *Invasor Zin*, a correlação de Dib com a vida e de Zin com a morte –, na negação desse regime aparece um mesmo significado com diferentes significantes. Isso explica, por decorrência, as falhas de caráter enquanto significado básico dos muitos significantes,

colocando a relação significado ↔ significantes em contrariedade com a relação significados ↔ significante, própria da *diáfora*. A esse mecanismo discursivo, propõe-se chamar *síntese*; não a síntese resultado do processo dialético análise – antítese – síntese, mas, simplesmente, a negação da *antítese* em busca de denominadores comuns.

Na *paráfrase*, nomeadamente, realiza-se tal processo de *síntese*. Essa figura de linguagem, em que se diz, de modos diferentes, conteúdos semelhantes, utiliza-se frequentemente em *South Park* e em *Uma Família da Pesada*: (1) no final de cada episódio de *South Park*, as personagens frequentemente recuperam, em novas situações, os temas desenvolvidos ao longo da história; (2) a estratégia discursiva das sequências de *Uma Família da Pesada* se revela *parafrástica*, com a inserção de cenas entre as tramas, cuja função é comentar, com outras passagens, conteúdos afirmados anteriormente. No entanto, a estratégia retórica para expressar diferentemente o mesmo conteúdo varia: (1) em *South Park*, a *paráfrase* é *eufemística*, porquanto nos comentários finais atenuam-se os desastres anteriores; (2) em *Uma Família da Pesada*, a *paráfrase*, contrariamente, mostra-se *hiperbólica* quando, nas cenas parafrásticas, exageram-se os conteúdos referidos.

Em suma, as relações entre significantes e significados dos dispositivos retóricos de cada regime se articulam no seguinte quadrado semiótico:



Para concluir, observa-se que tais propostas não se referem ao que se expressa com humor, mas a modos de enunciação; as *anáforas*, *diáforas*, *antíteses* e *sínteses*, próprias de cada regime, colocam-se enquanto mecanismos retóricos, e, portanto, mecanismos antes sintáticos que semânticos, porque se revelam de ordem relacional.

Dessa maneira, repetir, questionar, polemizar e desvalorizar são processos, pois aquilo que se repete, questiona, polemiza e desvaloriza pertence a culturas e épocas específicas; nos regimes propostos se estabelece, por fim, a sintaxe organizadora dos conteúdos do humor tematizados no discurso.

### **bibliografia**

COHEN, J. e outros (1975). *Pesquisas de retórica*. Petrópolis: Vozes.

FIORIN, J. L. (1988). *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Ática.

FLOCH, J. M. (1995). *Identités visuelles*. Paris: PUF.

\_\_\_\_\_ (1995). *Sémiotique, marketing et communication*. 2. ed., Paris: PUF.

LANDOWSKI, E. (2002). *Presenças do outro*. São Paulo: Perspectiva.

\_\_\_\_\_ e FIORIN, J. L. (1997). *O gosto de gente, o gosto das coisas*. São Paulo: Educ.

PIETROFORTE, A. V. (2008). *Tópicos de semiótica – modelos teóricos e aplicações*. São Paulo: Annablume.

São Paulo, 04 de maio de 2026